

O Filósofo e o Psicanalista: uma possível relação entre Levinas e Viktor Frankl a partir da questão da exterioridade

*Eder Carlos de Oliveira*¹

Resumo: O presente trabalho descreve o pensamento do filósofo judeu Emmanuel Levinas no que diz respeito ao modo como este pensador afirma o primado da ética. Na esteira da questão do sentido, aborda-se o pensamento do psicanalista austríaco, também judeu, Viktor Frankl, no que se refere a conceitos básicos do que este autor chama de logoterapia. Reflete a seguir, tendo como chave a questão da exterioridade, a respeito de uma possível relação entre os dois pensadores a partir de dois aspectos específicos: o teórico e o biográfico-existencial. No contexto desta reflexão, destaca-se também o que os distancia.

Palavras-chave: Exterioridade. Ética. Existência. Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

É possível relacionar um conteúdo filosófico com os elementos que compõem uma teoria psicanalista? Caso se delimite tais conteúdos a pontos específicos e estes sejam interpretados a partir de um conceito chave, tal exercício de pensamento seria presumível? Tais perguntas motivaram a reflexão e pesquisa deste trabalho. Ao vislumbrar dois pensadores que pisaram o solo do sofrimento humano nas prisões nazistas durante a Segunda Guerra, e que procuraram dar resposta, cada um em seu campo de conhecimento, a partir dele, selecionamos o tema a refletir. A preocupação com o outro, a partir da saída de si, sendo comum aos dois, foi o elemento que nos motivou a realizar tal reflexão. Emmanuel Levinas e Viktor Frankl, distantes no que se refere ao campo do conhecimento, mas próximos no que diz respeito à trajetória de vida e na preocupação de responder à problemática da contemporaneidade.

Na elaboração deste trabalho, e nas pesquisas que antecederam a sua redação, tivemos em mente a todo momento que, ao buscar refletir a relação entre o pensamento de um filósofo e um psicanalista estávamos a tratar dois campos do saber consideravelmente distintos. As estruturas e perspectivas teóricas da filosofia e da psicanálise, evidentemente, são inconciliáveis em muitos pontos. Porém, ao se pensar nas interfaces que se podem realizar entre campos do saber diferentes entre si, bem como no caminho aberto de pensamento – e nem por isso menos sistemático – que a filosofia permite cruzar, encorajamo-nos a refletir sobre uma possível relação entre os dois autores. Nosso trabalho, assim, não equipara os dois pensadores, mas procura elucidar – respeitando o campo epistemológico de cada um – a relação que eles têm a partir de um elemento comum: a exterioridade.

1 Mestrando em Filosofia pela FAJE.

Elegemos o conceito de “exterioridade”, usado por Levinas em sua obra *Totalidade e Infinito* para designar o rompimento com a totalidade, na fuga do mesmo, em direção à infinitude do outro. Com este conceito, expressamos o sentido da saída do eu, na subjetividade humana, para o que lhe é diverso, em direção a outrem. Trata-se da evasão da estrutura egoística, autorreferenciada no eu. Este conceito é utilizado no trabalho como chave para buscar a relação entre os dois pensadores. Naturalmente, tal conceito não consta na obra de Viktor Frankl. Porém, neste autor, alguns conceitos básicos de sua logoterapia, em seus aspectos teóricos, permitem perceber a característica do descentramento do eu, de sua saída de si em direção a outrem; e é justamente este dado que permite, neste sentido, refletir sobre a referida relação.

O caminho metodológico feito é o seguinte: descreve-se, separadamente, os elementos teóricos dos dois autores, delimitando os aspectos que interessam à relação entre eles. A seguir, reflete-se a mencionada relação a partir de dois aspectos específicos, a destacar também as diferenças que surgem a partir deles.

1 O FILÓSOFO JUDEU: SENTIDO ÉTICO E ALTERIDADE

Levinas é conhecido como “o filósofo da alteridade”. Isto se deve ao fato de que a categoria do “outro” acompanha toda a sua obra filosófica e é um elemento fundamental para compreendê-la. Pode-se dizer que o conjunto da obra levinasiana faz um sério apontamento: a tradição filosófica ocidental teve atenção geral à individualidade focada nela mesma; Levinas (2017, p. 31) afirma que “a filosofia é uma “egologia”; o outro fora sempre esquecido na tradição filosófica até Heidegger, inclusive. O império do eu centrado nele mesmo se estabeleceu ao longo do curso da tradição filosófica do ocidente. Assim, o filósofo, de uma forma crítica, assinala este aspecto de esquecimento do outro e o apresenta como grandeza que possui infinitude em si mesmo. O outro não pode jamais ser reduzido à compreensão operativa do eu, pois não é um objeto a ser apreendido no conceito. Assim, a qualidade do outro, a alteridade, assume, em Levinas, papel preponderante.

Nesta linha crítica à tradição filosófica do ocidente, o filósofo citado também realiza uma interessante inversão: desloca, em seu pensamento, a metafísica (tal como é entendida na referida tradição) do posto de “filosofia primeira”. Para Levinas, é a ética que ocupa tal posição. Isto porque ela é um prisma pelo qual se dão as reflexões e as análises, é um modo primeiro de entender a realidade filosoficamente. Nas palavras do autor:

A ética é, já por si mesma, uma ótica. Não se limita a preparar o exercício teórico do pensamento que monopoliza a transcendência. A oposição tradicional entre teoria e prática devanear-se-á a partir da transcendência metafísica em que se estabelece uma relação com o absolutamente outro ou a verdade, e da qual a ética é a via real (LEVINAS, 2017, p.15).

Em Levinas, a ética não assume os traços de um sistema de pensamento, uma teoria na qual o arcabouço dos conceitos estabeleça os fundamentos da ação. Ao contrário, a ética é o próprio sentido do filosofar.

É necessário ressaltar que a influência judaica em Levinas, cujas fontes são a Bíblia e o Talmude, também apontam, no pensamento deste autor, para o sentido ético. Levinas reflete filosoficamente estes conteúdos judaicos; e desta reflexão brota tal sentido.

No judaísmo, o ato mediante o qual os israelitas aceitam a Torá precede o conhecimento. Para eles, é a fonte do sentido e o evento fundamental que instaura a ética. Antes da liberdade, antes da constituição do sujeito constituído como liberdade, existe uma responsabilidade irrecusável. A escolha da Revelação, da Lei e da Torá caracterizam o homem como resposta, como consciência da destinação ao outro. O sentido pois não está no cuidado de si, mas na responsabilidade para com o outro (BORDIN, 1998, p. 554).

Tal é a assimilação que Levinas faz do conteúdo do judaísmo para expressar a partir desta referência eminentemente ética. Nela, vale dizer, a alteridade, o assumir da responsabilidade pelo outro é a preocupação principal.

Pelos elementos acima citados se delinea que o que Levinas entende como sentido é sempre o que corresponde à ética. Sendo a ética a filosofia primeira, ela expressa, em Levinas, sempre o sentido ético.

2 O PSICANALISTA AUSTRIACO: SENTIDO EXISTENCIAL E DESCENTRALIZAÇÃO DO EU

Viktor Frankl “é o fundador da chamada Logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida também como a Psicoterapia do Sentido da Vida ou, ainda, Terceira Escola Vienense em Psicoterapia” (PEREIRA, 2007, p. 125-126).

A referida escola leva o título de “Terceira” porque se distingue de outras duas anteriores: a de Freud, cujo foco, em sua psicanálise, refere à questão da vontade de prazer; a de Adler, cuja referência principal é a vontade de poder (FRANKL, 2010, p. 124).

O próprio autor explica o sentido da sua Escola de Psicoterapia:

Quero explicar por que tomei o termo “logoterapia” para designar minha teoria. O termo “logos” é uma palavra grega e que significa “sentido”! A logoterapia, ou, como tem sido chamado por alguns, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido (FRANKL, 2010, p. 124).

A característica principal da logoterapia, que a distingue das outras correntes de psicoterapia, é o deslocamento do eu. Ao contrário das escolas acima citadas, a logoterapia propõe – ao assumir a busca de sentido da vida como fator primário – que o tratamento para cada pessoa não deve ser buscado tendo como referência ela mesma, em suas estruturas interiores. Este deve ser buscado em realidade diversa do interior da pessoa. É necessário haver um deslocamento do eu individual para outrem, rompendo assim com a referência da pessoa nela mesma.

Diz Pereira (2007, p. 126) sobre este traço diferenciador da logoterapia: “pode-se afirmar que Frankl livrou a psicoterapia do introspectivismo, desconstruindo a noção de uma autorealização solipsista do centro das motivações primárias do ser humano”. Deste modo, a logoterapia, pode-se dizer, é caracterizada fundamentalmente pelo traço do deslocamento do eu.

3 POSSIBILIDADE DA RELAÇÃO ENTRE LEVINAS E VIKTOR FRANKL

A possível relação entre a proposta filosófica de Levinas – no que diz respeito a alteridade como categoria fundamental e o primado da ética – e os conceitos específicos da logoterapia de Viktor Frankl podem ser elucidados a partir da reflexão sobre dois aspectos: o teórico e o biográfico-existencial, ambos considerados a partir da questão da exterioridade. As diferenças entre os dois autores a respeito dos temas citados também serão apresentadas a partir destes dois aspectos.

3.1 O ASPECTO TEÓRICO

É possível notar uma certa relação entre a proposta da logoterapia de Viktor Frankl e a compreensão filosófica de Levinas – que possui, como fora dito, uma referência eminentemente ética. Esta relação entre os dois pensadores, sob este aspecto, se daria, do lado da logoterapia, a partir dos conceitos de “vontade de sentido”, “autotranscendência” e “autorrealização”. Refletir os três conceitos, a partir de uma visão panorâmica da logoterapia, permite verificar a referida relação que, pode-se dizer, relaciona os dois pensadores judeus no que diz respeito ao deslocamento do eu em relação ao outro.

Em sua obra *Em Busca de Sentido*, Viktor Frankl descreve os conceitos principais da logoterapia. Esta possui elementos desenvolvidos pelo autor, pelos quais se pode verificar um estatuto teórico. Assim, a logoterapia se apresenta não apenas como uma metodologia psicanalítica, mas como uma teoria elaborada a partir de conceitos específicos.

O primeiro conceito de logoterapia que interessa descrever neste trabalho é a “vontade de sentido”. Ele significa uma motivação fundamental inerente à pessoa e que ela deve realizar individualmente. Não se trata de impulsos do instinto humano, mas de uma força intrínseca pela qual o indivíduo tende a procurar sentido para a existência (FRANKL, 2010, p. 125).

Na realização da “vontade de sentido”, o ser humano remete-se para além de si mesmo. O sentido para o qual tende não está no círculo fechado da sua interioridade. Ao contrário, deve ser procurado em outra esfera. Optamos por usar o termo exterioridade para designar esta saída do eu à procura de sentido.

O conceito da logoterapia correspondente a esta saída de si é o de “autotranscendência”. Ele significa que o ser humano só realiza a “vontade de sentido” se esta for buscada fora dele mesmo. Ele deve operar um deslocamento de si em direção a outrem para alcançar o sentido da vida, que é, para a logoterapia, o dado fundamental que sustenta a existência. Afirma o psicanalista:

Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei esta característica constitutiva de “a autotranscendência da existência humana”. Ela denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa –, mais humana será e mais se realizará (FRANKL, 2010, p. 135).

Deste modo, a partir do conceito referido, expressa-se que o sentido da existência, tão caro à logoterapia, se realiza, ao final das contas, a partir do eixo da alteridade. Este dado isenta a proposta de Frankl de uma autorreferencialidade que conduz ao egocentrismo. Ao mesmo tempo, ela aproxima o psicanalista austríaco do filósofo lituano. A questão da exterioridade, entendida aqui como deslocamento do eu em direção a outrem, pode ser considerada como um ponto de relação entre os dois autores.

A “autotranscendência” faz a proposta da logoterapia escapar do egocentrismo pelo fato de que o seu conceito oposto, a “autorrealização”, gera frustração. Se a busca de sentido for procurada a partir do interesse do sujeito nele mesmo, ela pode causar a não realização do sentido e, conseqüentemente, a frustração vem a seguir. Diz Frankl (2010, p. 135): “O que se chama de autorrealização não é de modo algum atingível, pela simples razão de que quanto mais a pessoa se esforçar, tanto mais deixará de atingi-lo”.

Mota (2012, p. 09) relembra este risco de frustração que o foco em si comporta, e que ao mesmo tempo pode remeter esta concepção da logoterapia à questão ética: “A hiperintenção, enquanto excesso de preocupação com o sucesso de si, e não esquecimento de si no processo de doação de si, coloca não somente o risco da frustração e do enfrentamento, mas um problema ético egóico que se enclausura mais a mais num vácuo existencial”. É justamente neste aspecto que se nota, ao mesmo tempo, um ponto de relação e de distanciamento entre Levinas e Viktor Frankl. Ele se dá a partir da exterioridade em relação à noção de ética.

A proposta de Victor Frankl, mesmo tendo um reflexo ético a partir da autotranscendência, indica que a atitude ética revela o sentido a partir do outro. Não é o outro, em sua grandeza transcendente, que obsidiana a subjetividade tornando-a ética, tal como entende Levinas. Assim – mesmo tendo o deslocamento em direção a outrem na saída de si como ponto de proximidade – a significação que o outro possui é distinto nos dois pensadores.

Para reforçar o aspecto de exterioridade presente na teoria da logoterapia, pode-se destacar a crítica que Viktor Frankl faz a respeito do enfoque egocêntrico de outras escolas de psicologia.

Frankl reconheceu nas diversas psicologias –sobretudo na psicanálise freudiana e na psicologia individual de Adler – o mesmo vício: a preocupação com o equilíbrio interno, numa perene busca pela cessação da tensão, como objetivo maior da gratificação dos instintos e da satisfação das necessidades, constituindo-se, assim, o fim de toda atividade que envolve a vida (PEREIRA, 2007, p.127).

Neste sentido, a logoterapia traz a novidade do enfoque no que é exterior, e não na interioridade humana e suas demandas. Ela baliza sua atenção na exterioridade, para a qual o eu deve seguir em busca do sentido.

Pereira (2007, p. 126), ao analisar a obra de Viktor Frankl a partir da vontade de sentido, nota que este deslocamento do eu para o exterior é descrito pelo próprio psicanalista alemão a partir da analogia de Kant, que considera que na *Crítica da Razão Pura* realizou-se uma revolução copernicana no campo da epistemologia. O deslocamento do eu solipsista para algo diverso dele mesmo é a grande mudança representada na referida analogia.

Ainda sobre a questão, vale acrescentar o modo como a logoterapia entende a responsabilidade. A busca de sentido, impulsionada pela autotranscendência, não se traduz simplesmente ao deslocamento de si em direção a outrem, como se esse direcionamento visasse apenas um encontro com o outro. Além disso, o referido direcionamento de si a outrem implica também resposta, ou seja, responsabilidade em relação aquilo e aqueles para os quais se desloca:

Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim a logoterapia vê na responsabilidade (responsibleness) a essência propriamente dita da existência humana (FRANKL, 2010, p. 133-134).

Levinas, diferentemente de Frankl neste ponto, leva a responsabilidade a um nível extremo. Para o filósofo, a responsabilidade antecede a liberdade. Ser responsável não significa uma escolha a ser feita, pois a responsabilidade que o encontro com o outro desperta se encontra antes de qualquer reflexão. A subjetividade não escolhe a responsabilidade; antes é

escolhida por ela, no sentido de lhe ser precedente e de se lhe obsidiar. Diz o autor originário da Lituânia:

É a partir de uma passividade radical da subjetividade que foi alcançada a noção de “uma responsabilidade ultrapassando a liberdade” (conquanto só a liberdade deveria poder justificar e limitar as responsabilidades), de uma obediência anterior à recepção de ordens; a partir desta situação anárquica da responsabilidade, a análise – por abuso de linguagem, sem dúvida – nomeou o Bem (LEVINAS, 1993, p. 95-96).

O filósofo judeu, nesse processo de elevação extrema da responsabilidade, além de compreendê-la como anterior à liberdade, a descreve, em uma de suas principais obras, em um sentido ainda mais radical: como substituição. Assumir a responsabilidade, para ele, não significa apenas agregar a si uma tarefa externa na qual o outrem será de algum modo beneficiado. A referida obra é intitulada *De Outro Modo que Ser*. Ela representa a expressão amadurecida do pensamento de Levinas. Isto porque nela constam temas que o autor abordou outrora – de como a subjetividade e a metafísica –, e que nesta obra são retomados e aprofundados. Na mencionada obra, a substituição, que pode ser entendida como um nível radical da responsabilidade, é assim expressa:

A responsabilidade na obsessão é uma responsabilidade do eu por aquilo que o eu não tinha querido, ou seja, pelos outros. Esta anarquia da recorrência a si, para lá do jogo normal da ação e da paixão no qual se mantém – ou é – a identidade do ser, aquém dos limites da identidade, esta passividade sofrida na proximidade em relação de uma alteridade em mim, esta passividade da recorrência a si que, ainda assim, não é a alienação de uma identidade traída – que mais pode ela senão substituição aos outros (LEVINAS, 2011, p. 130)

Fica assinalado, assim, que mesmo que em ambos os autores aqui descritos a responsabilidade seja intrínseca à subjetividade, há entre eles a seguinte distinção: o psicanalista a entende como decorrência do assumir o sentido da vida; e o filósofo como dado primário que arrebatava a subjetividade. Para o primeiro, neste sentido, a responsabilidade é decorrente, *a posteriori*; e para o segundo ela é anterior, *a priori*.

3.2 O ASPECTO BIOGRÁFICO-EXISTENCIAL

Emmanuel Levinas e Viktor Frankl possuem semelhança no que se refere aos dados biográficos. Vale lembrar, a esse respeito, que o pensamento de um autor se torna mais compreensível se analisado a partir do seu contexto de vida. Ademais, a experiência biográfico-existencial se expressa na vida de um pensador, em geral, como impulso para a produção do pensamento, que luta por oferecer uma resposta à sua época.

São quase iguais as datas que correspondem à trajetória de vida dos dois autores. Levinas nasceu em 1906 e sua morte foi em 1995. O natal de Viktor Frankl se deu em 1905 e ele veio a falecer em 1997. Ambos comungam da fé judaica. Por consequência desta, os dois foram prisioneiros pelo regime nacional-socialista.

Ambos citam, em seus escritos, a terrível experiência vivida em tal realidade. Viktor Frankl o faz de uma forma detalhada, pois as experiências e observações que faz no campo de concentração lhe servem de base para elaborar conceitos a respeito do que viria a se chamar logoterapia. Eis um exemplo da descrição de sua vivência no referido local, que é usada por ele como dado para elaboração de elementos teóricos:

Quanto a mim, quando fui levado para o campo de concentração em Auschwitz, um manuscrito meu, pronto para publicação, foi confiscado. Não há dúvida de que meu profundo desejo de reescrevê-lo me ajudou a sobreviver os rigores dos campos de concentração em que estive. Assim, por exemplo, quando fui atacado pela febre de tifo, rabisquei muitos apontamentos de papel para depois conseguir reescrever o manuscrito, caso vivesse até o dia da libertação. Tenho certeza de que essa reconstrução do meu manuscrito perdido, levada a cabo na penumbra dos barracões de um campo de concentração na Baviera, ajudou-me a superar o perigo de um colapso cardiovascular (FRANKL, 2010, p. 129).

Da mesma maneira que Frankl, Levinas também ao passar pela experiência da prisão no campo de trabalhos forçados registra anotações pessoais sobre temas filosóficos. No preâmbulo do livro *Da existência ao existente*, o próprio autor afirma que o todo das pesquisas que deram corpo à obra “iniciou-se antes da guerra e prosseguiu no cativeiro, onde foi redigida a sua maior parte” (LEVINAS, 1998, p. 11).

O filósofo lituano também descreve a referida experiência em si, em alguns momentos. De uma compilação que fora feita destes e de outros escritos, brotou a obra *Escritos Inéditos*, que reúne anotações diversas do filósofo entre os anos de 1937 e 1950. Na parte intitulada *Cuadernos del Cautiverio*, consta a passagem que narra o seguinte:

El sufrimiento despierta las almas y, si bien los prisioneros no conocieron los horrores de Buchenwad, hubo un gran sufrimiento en los *stalags* y en los *oflags*. En cinco años, empero, se organizo la vida en los campos (...) Aprendimos la diferencia entre tener y ser. Aprendimos el poco espacio y las pocas cosas que son necesarias para vivir. Aprendimos la libertad. Éstas son las verdaderas experiencias del cautiverio. Sufrimientos, desesperaciones, penas – sin duda. Pero, por encima de todo eso, un nuevo ritmo de la vida. Habíamos puesto los pies en otro planeta, en el que se respiraba en una atmosfera de

combinación y se manejaba una matéria que y no pesaba (LEVINAS, 2013, p.125-126).²

As experiências vividas em uma época histórica provocam reflexões que lhe sejam respostas. Os pensadores de espírito aberto e, como no caso dos dois aqui trabalhados, que são diretamente atingidos – nesse caso, no sentido absoluto da palavra – pelas consequências da época em que vivem, tecem reflexões que apresentam outra alternativa, diferente da que tem relação com os fatos que se deram nesta mesma época. Assim, a experiência traumática das expressões de violência e extermínio durante a Segunda Guerra despertaram para o fato de que a filosofia – e outras expressões do pensamento – se voltassem para modelos diferentes de um sistema de pensamento fechado em si e no qual a referência ao individual, e conseqüente esquecimento do outro, são constantes.

Ao se referir à característica acima descrita no pensamento filosófico de Levinas e de Adorno, Luigi Bordin afirma:

A referência a Auschwitz é, nos dois pensadores, essencialmente filosófica, Auschwitz se tinha tornado um ponto de não retorno de uma degradação humana, interpretada pelos dois filósofos como a conclusão lógica de uma filosofia da totalidade, onde o saber se identifica com o poder, e a que se precisava responder com uma inversão do pensamento (BORDIN, 1998, p. 552).

No que se refere a questão teórica que brota da experiência, Levinas apresenta, em um texto, sua defesa de que o modelo de teodiceia que perdurava no momento da tragicidade do Holocausto deve ser substituído. Pois, além de não corresponder ao momento presente, de certa forma justificou o fato trágico. O filósofo entende que a visão de Deus na qual este castigava as faltas humanas, e que assim o holocausto seria uma consequência disso, deve ser abolida. Desta deve brotar a compreensão judaica pela qual Deus expressa sua “voz” na mensagem advinda da Bíblia. E esta mensagem é eminentemente ética. Diz o autor em questão:

Renunciar, após Auschwitz, a este Deus ausente de Auschwitz – não mais assegurar a continuação de Israel – equivale a completar o empreendimento criminal do nacional-socialismo, visando ao aniquilamento de Israel e esquecimento da mensagem ética da Bíblia, da qual o judaísmo é portador e da qual sua existência como povo prolonga concretamente a história multimilenar (LEVINAS, 2010, p. 127).

2 O sofrimento desperta as almas e, embora os prisioneiros não conhecessem os horrores de Buchenwald, havia um grande sofrimento nos *stalags* e nos *oflags*. Em cinco anos, no entanto, a vida foi organizada nos campos (...). Nós aprendemos (no campo de concentração) a diferença entre o ser e o ter. Nós aprendemos o pequeno espaço e as poucas coisas que são necessárias para viver. Nós aprendemos a liberdade. Estas são as verdadeiras experiências do cativo. Sofrimentos, desespero, tristeza – sem dúvida. Mas, acima de tudo, um novo ritmo de vida. Nós pusemos os pés em outro planeta, onde respiramos uma atmosfera de combinação desconhecida e lidamos com um assunto que não mais pesava (tradução nossa).

A partir da consideração da semelhança existencial entre Levinas e Viktor Frankl, depreende-se que ambos procuraram dar respostas ao contexto pós-Auschwitz. O contexto do absurdo da exterminação de judeus durante a Segunda Guerra é um dos panos de fundo a partir dos quais brotam as reflexões de ambos. As duas obras têm o mérito de trazer respostas ao contexto da contemporaneidade. Ambas brotam tendo como uma de suas marcas o pano de fundo da atrocidade do Holocausto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Levinas quanto Viktor Frankl, cada um em seu campo epistemológico, se inscrevem como pensadores que buscaram um modelo de resposta diferente do padrão comum de autorreferencialidade teórica. A categoria da exterioridade, ponto comum entre os dois, pode ser considerada, neste sentido, como o elemento diferenciador. Levinas com a alteridade radical e Viktor Frankl com o descentramento do eu podem ser tidos como autores que apontaram para o fato de que o pensamento não pode se constituir apenas a partir de sistemas fechados nos quais a referência constante ao individual é colocada em patamar máximo, sem jamais ser deposto em benefício de outrem.

A referência à exterioridade, a outrem – seja como essência da existência que gera sentido, seja como expressão de uma filosofia na qual a eticidade é o caminho supremo que guia toda reflexão – é uma resposta possível e plausível frente ao choque causado em grande parte da humanidade após a descoberta dos horrores sofridos pelas vítimas exterminadas nos campos de concentração nazistas. Mas, vale enfatizar, a referência a outrem no processo da reflexão se transpõe dos anos que se seguiram a 1945 e chega passível de aplicação a qualquer realidade na qual há um outro por quem é necessário assumir responsabilidade; o outro que é vitimado, o mais necessitado, o que não tem oportunidade é levado em conta em uma teoria ou expressão de pensamento na qual a exterioridade esteja seriamente presente. Levinas e Viktor Frankl apresentam e representam esta possibilidade.

REFERÊNCIAS

BORDIN, Luigi. Judaísmo e filosofia em Emmanuel Levinas: à escuta de uma perene e antiga sabedoria. *Revista Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v.25, n. 83, p. 551-562, 1998. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/695>. Acesso em 28/05/20.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 29ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

_____. *Entre nós: Ensaios sobre a alteridade*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Escritos Inéditos 1. Cuadernos del cautiverio, Escritos sobre el cautiverio, Notas Filosóficas Diversas*. Madrid: Editorial Trotta, 2013.

_____. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Totalidade e Infinito*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2017.

MOTA, Gustavo Rubin da. Uma leitura do otimismo trágico de Viktor Frankl a partir de uma ética da alteridade: desdobramentos de meta-clínica no sentido da vida de outrem. *Contemplação. Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II*, n.5, p.9, 2012. Disponível em <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/30/29>. Acesso em 31/05/20.

PEREIRA, Ivo Studart. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Revista Eletrônica de Psicologia da USP*. São Paulo, v.18, n.1, p. 125-136, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v18n1/v18n1a07.pdf>. Acesso em 30/05/20.